



## REPRESENTAÇÃO DE SI E DO OUTRO NAS CARTAS DE AGOSTINHO DE HIPONA (390-430)

José Mário Gonçalves  
Doutorando em História – UFES

**RESUMO:** A comunicação pretende apresentar as cartas escritas pelo bispo Agostinho de Hipona como lugar onde ele constrói as representações de si mesmo (como bispo da verdadeira igreja católica, defensor da verdade e da ortodoxia, pastor interessado no bem do seu rebanho e na salvação dos pecadores) e de seus adversários (como pagãos, heréticos ou cismáticos, desviados da verdadeira fé). O objetivo é problematizar o uso desse tipo de documentação para compreender os conflitos, as relações e as redes de poder existentes no contexto africano tardo antigo, bem como desvendar as estratégias utilizadas por Agostinho a fim de persuadir os seus interlocutores.

**Palavras-chave:** Representação; Identidade; Alteridade; Agostinho

**ABSTRACT:** The communication seeks to present the letters written by Bishop Augustine of Hippo as the place where he builds representations of himself (as Bishop of the true Catholic Church, defender of truth and of orthodoxy, pastor interested in your flock and in the salvation of sinners) and its opponents (as pagans, heretics or schismatics, diverted from the true faith). The goal is to discuss the use of this type of documentation to understand the conflicts, relations and the power networks in the African context and uncover the strategies used by Augustine in order to persuade his interlocutors.

**Keywords:** Representation; identity; otherness; Augustine.

O gênero epistolar foi definido por Cícero como “diálogo entre ausentes” [*conloquia absentium*] (*Philippica*, II,7). Segundo Martín, a carta é

[...] uma exposição narrativa, mais ou menos extensa, dirigida a um destinatário ausente, para superar a situação de ausência, que obedece a uma motivação interna, subjetiva (a vinculação amistosa) e/ou externa, objetiva, e que é base de uma exortação (MARTÍN, 1999, p. 90, nossa tradução).

É de Adolf Deissmann a distinção entre *carta* e *epístola*, sendo a primeira de caráter pessoal, “verdadeiro”, com destinatários definidos, enquanto a segunda seria escrita com finalidade literária, com o propósito de atingir um público mais amplo (DEISSMANN, 1927, p.148). A dificuldade prática de estabelecer a diferença entre as duas levou a maioria dos estudiosos contemporâneos a abandonar tal classificação. Vega propõe distinguir (a) cartas privadas em sentido estrito; (b) carta oficial, usada com finalidades diplomáticas e burocráticas; (c) carta literária, que pode servir para veicular ideias científicas, políticas, filosóficas ou religiosas. Nem sempre é possível distinguir umas das outras, pois uma carta privada pode ser escrita com fins didáticos e se tornar pública mesmo sem a intenção do seu autor (VEGA, 1991, p.127-130).

Conhecido nas civilizações egípcias, assírio-babilônica e persa, o gênero epistolar se desenvolveu entre os gregos como importante elemento nas relações privadas e públicas, exercendo entre eles diversas funções, com destaque para as relações diplomáticas e comerciais. Ao mesmo tempo, alcançou ali o *status* de produção literária, com uma forma cuidada e destinada a um público mais amplo de leitores, além do destinatário inicial. O crescente uso literário que se faz do gênero epistolar o transforma em veículo de conteúdos os mais diversos, tais como a propaganda política, a doutrinação filosófica ou o tratado científico, bem como o recurso à pseudepigrafia, que emulava escritos de autores célebres (MARTÍN, 1999, p. 74-76).

A tradição epistolar grega nasce em conjunto com a tradição retórica e são os gregos os primeiros a teorizar sobre este gênero (VEGA, 1991, p. 124). O exemplo mais conhecido é a obra *Peri hermeneias*, de Pseudo-Demétrio<sup>373</sup>, que estabelece alguns princípios de composição do gênero epistolar. Segundo o texto, embora a

---

373 Essa obra foi tradicionalmente atribuída a Demetrio Falero (350 - 280 a.C.), mas hoje se considera ser de um autor anônimo, que viveu entre o século II e o século I a.C. (DE LA TORRE, 1981, p. 32). A edição espanhola que consultamos foi DEMÉTRIO. *Sobre el estilo*. Madrid: Gredos, 1996.

carta seja comparável ao diálogo e que, por isso, a sua composição se apresente em estilo simples, isto deve ser feito de forma mais elaborada do que num diálogo (§ 223-224). A carta deve ser breve, a fim de não se tornar um tratado (§ 228). De um modo geral, seu estilo deve ser livre (§ 229) e amistoso (§ 231), mas sempre adequada ao destinatário, o que implica, em algumas situações, que se use um estilo elevado de escrita (§ 234).

Os tópicos presentes no texto de Pseudo-Demétrio são encontrados também em outras obras similares. Em todas elas se destaca o caráter *dialógico* da comunicação epistolar, que torna necessário o estabelecimento de códigos que facilitem a captação da mensagem. Do ponto de vista formal, isso significa que uma carta deve ser composta de alguns elementos mais ou menos fixos, tais como fórmulas de saudação na abertura e no encerramento, bem como o uso de frases que expressam as relações pessoais envolvidas na troca de correspondência (DE LA TORRE, 1981, p. 38-40).

É dos gregos que deriva a tradição epistolar romana. Cícero é o primeiro autor latino de quem se conhece um epistolário<sup>374</sup> e a sua forma e estilo inauguram uma tradição, que será seguida, entre outros, por Sêneca, Plínio e Símaco. De modo geral, esses autores afirmam os mesmos tópicos, motivos, funções, estruturas e elementos formais (MARTÍN, 1999, p. 78).

As relações entre a epistolografia e a retórica são evidentes também entre os romanos. Não é por acaso que os principais epistolários latinos são de autoria de destacados oradores. Assim como nos discursos orais, as cartas também são escritas com finalidades persuasórias, o que exige uma composição cuidadosa para que surtam o efeito desejado (ANTÓN, 1996, p. 106). No caso de uma carta, essa composição deve ser feita de tal maneira que o caráter de simplicidade, próprio de um gênero que se propõe a ser um instrumento de vinculação amistosa, não se perca: “o único modo de o escritor se mostrar verdadeiro é utilizar uma linguagem cuja aparência de simplicidade cause o efeito de naturalidade e nunca de artifício” (MUHANA, 2000, p. 337).

A estrutura básica de uma carta se assemelha ao do discurso retórico clássico, a

---

374São 931 cartas, distribuídas em quatro coleções: *Epistolarum ad Atticum*, *Epistulae ad familiares*, *Epistularum ad Quintum* e *Epistularum ad Brutum* (SEABRA FILHO, 2011, p.55).

saber: *abertura*, que equivale ao *exórdio* do discurso oral, cuja função é fazer contato com o destinatário; o corpo, equivalente ao *narrativo* do discurso falado, que contém o tema central da carta e a conclusão, que corresponde ao *peroratio*, no qual se reforça o tema central da carta. Como observa Martín,

[...] sua natureza de discurso-diálogo interpessoal potencializa todos os fatores relacionados com as operações retóricas, a fim de obter, através do escrito – *litterae* –, uma finalidade essencialmente persuasiva. (MARTÍN, 1999, p. 87, tradução nossa).

Consideradas do ponto de vista do trabalho historiográfico, as cartas podem ser definidas como *fontes dialógicas*, ou seja, “aquelas que envolvem, ou circunscrevem dentro de si, vozes sociais diversas” (BARROS, 2013, p. 104). Tal definição vai além da teoria bakhtiniana, segundo a qual todo texto está sempre em diálogo com outros (BAKHTIN, 1997, p. 335), pois se refere a certas fontes históricas que apresentam “uma forma mais intensa de dialogismo em decorrência da própria maneira como estão estruturadas, ou em função dos próprios objetivos que as materializam” (BARROS, 2013, p. 104).

O dialogismo das cartas é tanto *implícito* quanto *explícito*. No primeiro caso, a presença do outro se faz de maneira indireta, marginal. No segundo caso, a fala do outro aparece intencionalmente, seja por meio da alusão ou da citação (BARROS, 2013, p. 108-109). Através da observação desses dialogismos, é possível identificar tanto a representação que o autor faz de si, quanto à maneira como ele representa o outro em seus escritos.

No contexto da retórica aristotélica, a construção da imagem de si corresponde ao *ethos* do autor, ou seja, a imagem que ele pretende apresentar de si mesmo ao seu interlocutor (MAINGUENEAU, 2008, p. 56). Na prática epistolar, o *ethos* pode ser identificado com o que o *Peri hermeneias* chama de “descrição da personalidade”:

A carta, assim como o diálogo, deve ser rica na descrição da personalidade. Se pode dizer que cada um escreve a carta como retrato de sua própria alma. Em qualquer outra forma de composição literária se pode ver o caráter do escritor, mas em nenhuma como no gênero epistolar (§ 227, nossa tradução).

Ressalte-se que nem sempre existe coincidência entre a imagem que o autor pretende passar de si e aquela que ele efetivamente passa ao seu leitor. Como observa Maingueneau, “em matéria de *ethos*, os fracassos são moeda corrente”

(MAINGUENEAU, 2008, p. 65).

Ao mesmo tempo em que procura construir uma imagem de si, aquele que escreve uma carta, à semelhança do que profere um discurso oral, também procurar construir uma imagem do outro com o qual dialoga. Dizendo de outra maneira, à construção da identidade corresponde à construção de uma alteridade.

As cartas que Agostinho de Hipona (390-430) escreveu e recebeu ao longo do seu ministério episcopal constituem um importante e interessante *corpus* para a compreensão dos conflitos religiosos com o qual se envolveu ao longo do seu episcopado. A partir delas é possível perceber tanto as *táticas* (utilizadas por Agostinho) quanto às *estratégias* (utilizadas pelos seus adversários – pagãos, hereges e cismáticos)<sup>375</sup> que disputavam o mesmo espaço religioso no contexto da África do Norte.

O epistolário agostiniano é composto de 307 cartas. Deste total, 249 foram escritas por Agostinho, 49 foram destinadas a ele e outras 09, embora não tenham sido destinadas diretamente a ele, são inseridas no *corpus* por sua relevância para a compreensão de algumas delas. Nossa atenção se volta para as cartas que dizem respeito, às controvérsias contra o paganismo e o donatismo e de como nelas são construídas as representações de Agostinho e de seus adversários. São 21 cartas referentes ao paganismo, das quais 14 são escritas por Agostinho e sete por correspondentes pagãos e 43 cartas da controvérsia donatistas, das quais apenas uma é escrita por um donatista (*Epistola 107*).

Agostinho se esforça, em suas cartas, em preservar a imagem do bispo cristão, zeloso pelas verdades da sua fé. Ela procura “preservar a sua fachada”, nas palavras de Goffman (2011). Para demonstrar isso, voltemos a nossa atenção para as epístolas 34 e 35, enviadas por Agostinho a Eusébio, um oficial romano, provavelmente católico, a quem Agostinho recorre para que interfira numa disputa com Proculeiano, o bispo donatista de Hipona. As epístolas devem ter sido escritas entre 396 e 397, no início do episcopado de Agostinho.

---

375 Utilizados os conceitos de *estratégia* e *tática* conforme a proposta de M. de Certeau, segundo o qual as *estratégias* são construídas a partir de um lugar de poder, enquanto as *táticas* dizem respeito às ações calculadas a partir da ausência desse poder (CERTEAU, 1990, p. 99-102).

O que motivou essa correspondência foi o episódio envolvendo um jovem católico que foi repreendido por seu bispo por ter usado de violência contra a própria mãe. Ele se converte ao donatismo, não é repreendido por suas faltas e é rebatizado naquela igreja, para a indignação de Agostinho (*Epistola* 34,2).<sup>376</sup> Ao que parece, o bispo donatista havia negado que os fatos ocorreram dessa maneira e Agostinho escreve para que Eusébio julgue entre os dois. A recusa de Eusébio em intervir, provoca a segunda carta de Agostinho, reiterando seu pedido e trazendo novos fatos para tentar fortalecer sua argumentação. Vejamos como Agostinho representa a si mesmo nestas cartas e, igualmente, como representa seus adversários donatistas.

Logo no primeiro parágrafo da *Epistola* 34, ele fala de si mesmo como aquele que “ama a paz cristã” (*quantum pacem diligo christianam*), que é motivado pela paz (*motum animi mei esse pacificum*) e que não pretende forçar ninguém à fé católica, mas alguém que entende que seu ministério (*per nostrum ministerium*), é manifestar a verdade, com a ajuda de Deus (34,1). Sua atuação no caso é parte do seu ministério episcopal, conforme orientação apostólica de repreender o erro (34,4).<sup>377</sup> Agostinho também afirma ser uma pessoa moderada ao tratar desse assunto com Eusébio (34,5). Também diz, refutando Proculeiano, que ele não conhece bem as “artes liberais” (*liberalium litterarum*)<sup>378</sup> e que não deve ser temido em uma discussão (34,6). Assim, Agostinho procura construir a imagem de um bispo moderado, pacífico, verdadeiro e simples, que está preocupado com o bem estar de sua Igreja e cidade.

Ao se referir aos seus adversários ele fala deles como aqueles que cometem sacrilégios e perseveram indigna e perversamente na dissensão (34,1). A respeito do rapaz que feriu a mãe e abandonou a Igreja católica, ele diz que o mesmo torturou “ambas as mães” (*Ambas matres meas saevis cruciatibus torqueam*), isto é, a sua mãe natural e sua Igreja (34,3). Sobre Proculeiano, Agostinho faz cair a responsabilidade sobre os fatos, bem como de tentar negá-los (34,4). A imagem que

---

<sup>376</sup> A questão do rebatismo era um dos principais pontos de conflito entre católicos e donatistas. Estes últimos, por não reconhecer o batismo católico, rebatizavam todos os que se convertiam ao donatismo. Para Agostinho o batismo era uma “marca indelével” do cristão que não podia ser removida, nem repetida.

<sup>377</sup> Agostinho faz referência ao texto bíblico de Tito 1,9.

<sup>378</sup> Trata-se das disciplinas ensinadas na educação clássica, a saber: dialética, gramática, aritmética, música, geometria astronomia e retórica. Agostinho fora educado nessas disciplinas (MARROU, 1957, p.14).

ele constrói do bispo donatista é a de que ele é um mentiroso, covarde (pois se recusa ou dificulta um encontro com Agostinho por temer uma debate aberto) e, que, portanto, não age verdadeiramente como um bispo, “que diz ser a tantos anos” (*qui se tot annorum episcopum dicit*, 34,6).

Na *Epistola 35*, Agostinho principia se defendendo da afirmação de ele tentava lhe impor a tarefa de julgar entre dois bispos (35,1).<sup>379</sup> Aqui, Agostinho está uma vez preocupado com o seu *ethos*: ele não é um “exortador incômodo” (*molestus exhortator*), mas apenas alguém que pede que Eusébio questione Proculeiano, pois este se recusa a receber suas cartas.<sup>380</sup> Ao recorrer a Eusébio, que é amigo de Proculeiano, para mediar o conflito, acredita dar provas de que age com moderação (*quid possum mitius agere?*).

Da mesma forma que na carta anterior, Agostinho conta outro episódio sobre o descaso dos donatistas com a disciplina. É a história do diácono Primo, que foi expulso por seu mau comportamento para com as monjas de um convento. Ele e duas monjas se converteram ao donatismo, foram rebatizados e se juntaram aos circunceliões<sup>381</sup>:

Agora estão com bandos dos circunceliões, com essas manadas vagabundas de mulheres que não querem ter maridos para não se submeter à disciplina. Agora se divertem orgulhosamente em regozijos báquicos e detestável embriaguez celebrando que lhes hajam autorizado essa licenciosa e perversa conduta, proibida pela Católica. E talvez Proculeiano o ignore (35,2).

Além da vívida descrição negativa do comportamento dos envolvidos no episódio, há forte ironia nesta passagem da carta: assim como Proculeiano alega desconhecer os fatos sobre o jovem que espancou a mãe, talvez também não saiba desse episódio e Eusébio deve informa-lo. O que Agostinho faz aqui é representar Proculeiano como um bispo negligente e conivente com a indisciplina dos seus.

Em seguida, ele torna a falar de si como um bispo que preserva a disciplina,

---

<sup>379</sup> Não sabemos como essa afirmação de Eusébio chegou a Agostinho, se por carta ou por mensagem verbal.

<sup>380</sup> Não responder a Agostinho é uma tática de Proculeiano: dessa forma, ele não produz provas contra si.

<sup>381</sup> Os *circunceliões* eram grupos nômades que viviam do saque das propriedades e que se associaram aos donatistas em sua resistência contra Roma e contra os católicos. Segundo seus adversários, representavam o lado violento do donatismo, aterrorizando católicos e pagãos, saqueando suas propriedades e forçando os católicos ao rebatismo (WILLIS, 2005, p. 16).

reconhecendo inclusive aquela que tenha sido aplicada entre os donatistas, ao contrário de Proculeiano e demais donatistas que estimulam a indisciplina e o rebatismo e procedem como revolucionários e ladrões (35,3).

Como exemplo de sua coerência como bispo católico, Agostinho cita ainda o caso de uma jovem catecúmena católica que os donatistas teriam enganado, batizado e feito monja, contra a vontade do pai. Agostinho se recusa a recebê-la de volta, a menos que seja por vontade própria. O pai usou de violência para conseguir o consentimento, mas Agostinho o proibiu com rigor (35,4). Assim, ele se coloca em posição oposta a dos donatistas e, em especial, a de seu rival em Hipona: enquanto estes fazem uso da violência, Agostinho pretende ser um modelo de moderação.

As estratégias discursivas de Agostinho revelam o esforço do bispo católico para convencer o seu interlocutor da justiça de suas ações e apresentar o seu adversário de maneira depreciativa. Há que se perceber que tal esforço é revelador de uma situação ambígua, na qual Agostinho, apesar de ser o bispo da Igreja dominante, precisa ainda negociar cotidianamente essa posição.

## Referências

AGUSTÍN, S. Cartas, v.1. In: CILLERUELO, Lope (trad.). **Obras completas de San Agustín**, t. VIII. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1967.

ANTÓN, Beatriz. La epistolografia romana: Cicerón, Séneca y Plinio. **Helmántica. Salamanca**, v. 45, n. 142-143, p. 105-148, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, José D'Assunção. **A expansão da História**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. v 1. Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CICERÓN, Marco Tulio. **Philippicae**. Barcelona: Editorial Planeta, 1994.

DE LA TORRE, Emilio S. La epistolografia griega. **Estudios Clásicos**. t. 25, n. 86, p.

19-46, 1981.

DEISSMANN, Adolf. **Light from the ancient East**: the New Testament illustrated by recently discovered texts of the Graeco-Roman world. New York: Harper and Brothers, 1927.

DEMÉTRIO. **Sobre el estilo**. Madrid: Gredos, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes. 2011.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARROU, Henri-Irénée. **Santo Agostinho e o agostinismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

MARTIN, Maria N. Muñoz. La epistolografía latina: temas, forma y función. In: TORRÃO, João Manuel Nunes (coord.) **III Colóquio Clássico**. Actas del III Colóquio Clássico, Universidade de Aveiro, 22 e 23 de Abril de 1999, p. 73-90, 1999.

MUHANA, Adma Fadul. **O gênero epistolar**: diálogo *per absentiam*. *Discurso*, [S.l.], n. 31, p. 329-346, dez. 2000.

SEABRA FILHO, José R. Epistologia – Cícero e Sêneca. **Principia**, Rio de Janeiro, Ano 14, n. 23, p. 55-60, 2011.

VEGA, Maria L. del Barrio. Algunos problemas de la epistolografía griega. ¿Es posible uma clasificación epistolar?. Minerva. **Revista de filología clásica**. Valladolid, n. 5, p. 123-138, 1991.

WILLIS, G.G. **Saint Augustine and the donatist controversy**. Eugene: Wipf and Stock, 2005.